



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## MARCHA DAS VADIAS DE RECIFE: ARTICULAÇÕES POLÍTICAS ENTRE ROUPA, CORPO E EXPRESSÃO IDENTITÁRIA

Anna Odara de Araujo Tavares

*Universidade Federal de Pernambuco, annaodarat@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo objetiva entender as articulações entre roupa, corpo e expressão identitária para as participantes da Marcha das Vadias. A manifestação aqui observada aconteceu em Recife, no ano de 2017. Como metodologia utilizou-se de observação participante, entrevista semiestruturada e pesquisa bibliográfica. A partir disso foi possível concluir que, dado a importância da roupa na sociedade, esta juntamente com o corpo exposto, se torna um dos principais elementos de reivindicação e expressão no referido contexto

**Palavras-chave:** Marcha das Vadias, Vestimenta, Corpo, Expressão identitária.

### Introdução

No início da civilização ocidental, o papel social feminino se constituiu como doméstico, sendo a figura caseira, enquanto o homem era a figura pública. A distinção entre os gêneros, bem como a binaridade homem-mulher, segundo Louro (1997), garantiu que essa estrutura se mantivesse e se afirmasse como única vigente, estando diretamente ligada a relação de domínio do homem com a mulher.

Visando lutar contra a soberania masculina, surgiu a Marcha das Vadias. A Marcha é um movimento que começou após a declaração de um segurança da Universidade de York, em Toronto, Canadá, no ano de 2011. Essa declaração associava a culpa do assédio às próprias vítimas pela forma a qual elas se vestiam, utilizando a lógica de que se

elas não se vestissem como “vadias”, não seriam assediadas. A reação à declaração veio logo após, onde as mulheres se afirmaram vadias, se isso significa que elas podem ser livres<sup>1</sup>. Estas saíram às ruas com roupas consideradas “provocantes” e frases escritas no corpo como forma de reivindicar sua autonomia. Essa manifestação deu luz à Marcha, e a roupa funciona como marcador de expressão e empoderamento nesse contexto.

O empoderamento, estudado através de uma perspectiva feminista, é o que move a Marcha das Vadias. Segundo Sardenberg (2006) o termo visa dar às mulheres autonomia para ressignificarem seu lugar na sociedade e nas relações de poder com os homens.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do site  
<<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>> no dia 2 de julho de 2016.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Pessoa

O aumento gradativo das discussões sobre feminismo e gênero se dá, segundo Louro (1997) porque o conceito de gênero está atrelado à história e esta não é fixa. Crane (2006) também complementa que essas discussões ganharam mais embasamento no fim do século XX, a partir da ideia de Foucault<sup>2</sup> que as noções fixas de gênero são produto de discursos médicos e psiquiátricos. A roupa, sendo uma das formas mais acessíveis de consumo e fator participante das construções sociais, se configura como objeto mais visível dessas mudanças sofridas no fim do século. Para Crane (2006) a adoção de determinados estilos de vestir é uma forma de comunicar ou subverter fronteiras simbólicas, como a exemplo do gênero, fundamentado em Butler (1990), que o mesmo não é algo inerente ao masculino ou feminino.

O presente artigo tem como objetivo entender o as articulações entre roupa e corpo enquanto objeto de expressão para as participantes da Marcha das Vadias. Para esse trabalho optou-se observar a Marcha que aconteceu na cidade do Recife em 2017, por esta manter o protesto anualmente, desde 2011, com um coletivo ativo e organizado.

A metodologia aqui utilizada é de base bibliográfica, observação participante e realização de entrevista semiestruturada. Na

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

ocasião foram aplicadas entrevistas com mulheres presentes no local de concentração da Marcha, a fim de entender se a roupa e o corpo funcionam como objeto de expressão e de que forma isso se dá, além de questionar as opressões sofridas por elas e o motivo que as levaram a frequentar a Marcha. Os áudios das entrevistas foram gravados através do celular e o anonimato das entrevistadas foi preservado. Durante a análise das entrevistas as voluntárias serão denominadas por letras, de A até I, totalizando as nove mulheres.

Este trabalho admite a roupa e o corpo como elementos políticos. Questionando a binaridade homem/mulher, a vestimenta desafia os códigos de submissão feminina e a utiliza como afirmação expressiva e estratégia de empoderamento. Dessa forma, expõe-se a relevância interdisciplinar da pesquisa, interligando as ciências sociais à moda, bem como a relevância política, para importante conscientização e quebra de padrões patriarcais vigentes na sociedade. Pensar corpo e roupa em um cenário marcado por lutas políticas é usá-la como forma de afirmação e resistência aos códigos de gênero heteronormativos.

### **A vestimenta como forma de expressão**

Diariamente, ao vestir-se para sair de casa, é escolhido o que se deseja expressar. Cada sujeito olha para as opções do guarda



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

roupa e faz escolhas de acordo com o clima, o que pretende comunicar, o ambiente que frequenta e como quer ser percebido pelos outros, afirmando que a maneira como o indivíduo “cobre seu corpo é uma forma de mostrar seus gostos, sua classe social, seu tipo de trabalho, enfim, quem ele é” (STEFANI, 2005, p. 7). Dessa forma, o estilo de vestir acaba se modificando a partir do ambiente que é frequentado. Embacher (1999) também afirma que as roupas adquirem funções sociais, estéticas e psicológicas, que são misturadas e expressas simultaneamente em determinadas ocasiões, atuando como forma de expressão identitária do indivíduo.

Crane (2006) aponta que a roupa se constitui como principal forma de expressão de identidades, já que esta é uma das formas mais visíveis de consumo. A autora afirma que as roupas desempenharam um papel fundamental na comunicação simbólica do século XIX, se caracterizando como veículo transmissor de informação sobre os indivíduos, sendo um forte marcador de status e gênero, podendo manter ou subverter símbolos sociais. A vestimenta exerceu o papel de sustentar os símbolos sociais quando, em sua essência, servia para alimentar o binarismo homem-mulher a partir do antagonismo presente nas roupas femininas e masculinas.

Ao longo do século XIX a vestimenta da mulher foi preenchida com adornos de forma que ela mal pudesse se mexer, colocando-a como manequim a ser apreciado. Já a vestimenta do homem ficou mais enxuta, assemelhando-se a um uniforme, pois este facilitava o dia a dia da pessoa pública, como pode ser observado na figura 1: “para a mulher a beleza, para o homem o despojamento completo” (SOUZA, 1987, p. 72).



Figura 1 - Casal representando a vestimenta do século XIX Fonte: BOUCHER, 2010, p. 347.

O discurso da subalternidade feminina também era fomentado por intelectuais conceituados, de acordo com Crane (2006), que afirmavam a inferioridade física, moral e intelectual das mulheres, tendo estas vocação apenas para o casamento. No âmbito privado a mulher se constituía como figura importante para estruturação e manutenção da família, porém fora de casa ela não possuía prestígio



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

social ou poder, dispunha de pouquíssimo direito legal e nenhum direito político.

Apesar da vestimenta contribuir para a concretização da imagem passiva e submissa da mulher perante a sociedade, esta se constituía como símbolo comunicativo não verbal - era o que lhes restava como forma de expressão. Já que o convívio no espaço público era negado a elas, e o ócio visto como atividade apropriada para a época, a roupa, segundo Souza (1987), foi incorporada como símbolo expressivo.

Tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a descoberta do ser, a pesquisa atenta de sua alma (SOUZA, 1987, p. 100).

As regras sociais e padrões de beleza da época serviam como uma espécie de prisão para as mulheres, não só por conta dos incontáveis adornos, mas pela própria estrutura da vestimenta que as impossibilitava de realizar algumas atividades básicas. O espartilho afunilava a cintura, *paniers*, crinolinas e anquinhas carregavam pesos e formas que se constituíam como prisões físicas para as mesmas, que mal podiam andar, levando-as à fadiga. Segundo Ximenes (2009) tornou-se comum entre as mulheres

desmaios, faltas de ar e falta de apetite. Estas aparentavam quase sempre estar doentes, com olheiras e a pele pálida, tornando-se comum o uso de açafão para acentuar olheiras.

Para Crane (2006), com a revolução industrial e a produção em massa, as roupas ficaram mais baratas, menos adornadas e com isso, mais democráticas. Isso, juntamente com a inserção da mulher no mercado de trabalho, que permitiu o uso de roupas mais leves, possibilitou que estas disponibilizassem de outras ferramentas expressivas. A roupa, por se constituir como um objeto de fácil acesso, mudança, grande visibilidade e preço acessível, se molda ao indivíduo facilmente como “outdoor” de suas expressões subjetivas.

### **Marcha das Vadias: roupa, corpo e empoderamento**

Iniciada em Toronto, no ano de 2011, com o nome de *Slutwalk*, a manifestação ganhou o nome de Marcha das Vadias no Brasil e, Segundo Galetti (2014), já aconteceu em cerca de trinta cidades diferentes. Para Gomes e Sorj (2014) a Marcha das Vadias surgiu como forma de protestar contra o pensamento que culpabiliza a vítima pela violência que sofre a partir da roupa que estava vestida. O movimento se disseminou rapidamente pela internet, ganhando cada vez mais força através das mídias e redes sociais. Esta acontece em várias cidades do mundo e



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

tem como objetivos o fim do machismo, da violência sexual, culpabilização da vítima, bem como a autonomia das mulheres sobre seus corpos.

Para Gomes e Sorj (2014) o corpo assume um papel indispensável para a Marcha, sendo ele ao mesmo tempo instrumento reivindicador de autonomia e “outdoor” do protesto. É através dele que as participantes se expressam escrevendo mensagens como “feminismo libertário”, “meu corpo não é um convite” e “puta livre”. Além disso, as mulheres usam roupas socialmente vistas como sensuais, batons vermelhos e fazem topless com o objetivo de subverter e questionar regras de gênero, como visto na figura 2. Esse corpo, para Galetti (2014) é um corpo ativo nas esferas pública e política, constituindo um “corpo político” (GALETTI, 2014, p. 2207).



Figura 2 - Mulher sem camisa na Marcha das Vadias - Recife 2017 Fonte: Arquivo pessoal

O corpo está despido de roupa, porém coberto de tinta e signos. Svendsen (2010), afirma que o corpo nunca está neutro de significados, e que este é essencial para a compreensão da identidade do indivíduo. O corpo se cobre de definições sociais e “quanto mais significado é atribuído ao vestuário, mais significado terá a sua ausência visível” (SVENDSEN, 2010, p. 89). Dessa forma, a ausência de roupa por essas mulheres causam um grande impacto durante a caminhada, pois a roupa é posta como fator primordial à sociabilidade na contemporaneidade.

A vestimenta também ganha papel de protagonista no contexto da Marcha das Vadias. Baggio (2014) afirma que este é um dos movimentos que se apropriou da roupa, e da ausência dela, para exigir respeito, repudiando o senso comum que culpabiliza a mulher pela violência que sofre. A autora utiliza a figura da saia para mostrar que o uso da mesma é vista pelos homens como um fator de disponibilidade e vulnerabilidade, sendo importante símbolo de luta em movimentos ligados aos direitos femininos.

Tendo em vista a forma como a sociedade tende a categorizar as mulheres através do tamanho da sua vestimenta, na Marcha algumas mulheres usam saia para reafirmar o posicionamento de que a roupa não é gatilho para violência, e reafirmam esta ideia carregando cartazes que dizem “o



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

estupro veio antes da minissaia”; “acredite ou não minha saia curta não tem nada a ver com você” e “uso saia curta e exijo respeito”.

Dentre as principais reivindicações da Marcha está a libertação do corpo feminino, bem como o fim da objetificação deste. Segundo Galetti (2014), o feminismo pretende quebrar com alguns costumes patriarcais enraizados culturalmente, dentre eles a inferiorização do corpo feminino, o “sexo frágil”. Isso só será possível quando o pensamento alimentado secularmente de que o corpo feminino é uma mercadoria, um objeto a ser desmedidamente apreciado e usufruído. As consequências da objetificação desse corpo se expressam nas mais diversas formas de violência contra a mulher, desde as violências físicas até as simbólicas sofridas cotidianamente.

Um aspecto que chama atenção na Marcha das Vadias é a relação entre o corpo feminino e a cidade. Segundo Galetti (2014), foram negados à mulher, por muitos anos, os espaços públicos, apenas as prostitutas e “vadias” ocupavam esses lugares, devendo as outras se restringir a lugares privados se quisessem ser consideradas puras e “bem vistas”. Dessa forma, a Marcha causa um grande impacto nas cidades por se constituir como um movimento formado por mulheres, ocupando espaços até pouco tempo proibido a elas, para se afirmarem também pertencentes

àquele território, como dito por uma participante da Marcha de Recife, que expõe a importância da Marcha acontecer no Derby, área central da cidade:

[...] A praça do Derby é historicamente um espaço de resistência, de luta. As manifestações históricas do estado, elas se concentram aqui... então é um simbolismo muito grande que as mulheres estejam ocupando esse espaço que politicamente é um espaço importante, mas que também é um espaço masculino onde a concentração nas manifestações na maioria das vezes são de homens e a gente olhar ao redor e ver uma concentração de mulheres nesse espaço é importantíssimo (Entrevistada B, 27 anos, historiadora).

Então, se constitui como subversão dos padrões binários de gênero as mulheres ocuparem um território que é dominado predominantemente por homens, no centro da cidade, que segundo uma manifestante, se configura como o local da capital de Pernambuco “onde você escuta mais coisas absurdas e você percebe mais olhares violentos” (Entrevistada E, 20 anos, artesã). Ademais, essas mulheres utilizam do corpo historicamente coberto e associado ao pecado, que ainda carregam resquícios desse pensamento, para enfatizarem a causa.

Estar no espaço coletivo com roupas que não são julgadas “adequadas” é um ato político. Para as manifestantes que estavam na Marcha de Recife em 2017, a roupa também pode funcionar como elemento de empoderamento. Segundo uma das mulheres



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

abordadas na referida Marcha, isso pode ser visto “a partir do momento que a gente não usa mais um sutiã, e a gente anda com o mamilo à mostra... é uma coragem, você se dispor a fazer isso é uma coragem... porque a gente sabe que isso gera todo um ‘auê’ onde quer que você esteja” (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

Não usar sutiã é visto como uma maneira de subverter regras sociais e se impor contra o machismo. Ainda segundo uma das mulheres presentes na Marcha de Recife, ao ter conhecimento da causa, usar a roupa que quer, que se sente bem, não se baseando nos padrões que instruem as regras de etiqueta da moda, bem como não aceitar calada os assédios recebidos na rua e buscar uma maneira de lutar contra isso, é uma forma se empoderar e não se calar diante das violências. Como outra manifestante, também presente na Marcha de 2017 aponta abaixo, qualquer instrumento de luta é válido.

Todos os instrumentos possíveis a mulher ta usando pra luta... então o corpo, a forma como se vestir num deixa de ser [empoderamento].... Seja com frases em camisa, seja vindo pra Marcha e transgredindo isso de ter que ta com uma X roupa então acaba sendo também um instrumento de luta (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

O empoderamento se constitui, então, como maior instrumento de luta delas. Segundo Sardenberg (2006) o termo está relacionado à liberdade das opressões de

gênero e o questionamento do patriarcado, que sustenta essas opressões, bem como ao processo de conquista da autonomia e auto-determinação da mulher.

### Marcha das Vadias de Recife

Tendo como tema “Feminismo é Revolução”, a Marcha das Vadias de Recife aconteceu em maio em 2017 e teve sua concentração na Praça do Derby, área central bastante movimentada da cidade.

No referido espaço houve performance, leitura da carta manifesto da Marcha<sup>3</sup>, bem como pinturas no corpo e confecção de cartazes, como visto na figura 3. Estava presente na concentração o grupo da Batucada do Fórum de Mulheres de Pernambuco<sup>4</sup>, que seguiu a passeata até o fim.

A Praça aos poucos foi se enchendo, totalizando, segundo a organização, cerca de quatro mil pessoas<sup>5</sup>. Apesar da presença majoritariamente feminina, também haviam homens e crianças no local. É importante também destacar a pluralidade de mulheres presentes: negras, brancas, com cabelo liso,

<sup>3</sup> Carta aberta desenvolvida pelo coletivo organizador da Marcha das Vadias de Recife (Coletivo Marcha das Vadias - Recife) que informa sobre as motivações para a realização da Marcha.

<sup>4</sup> O Fórum surgiu em 1988 a partir da necessidade das mulheres se organizarem para assegurar e dar visibilidade aos seus direitos.

<sup>5</sup> Informações retiradas do site <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/marcha-das-vadias-percorre-ruas-do-recife-para-protestar-contraviolencia-e-racismo.ghtml> no dia 9 de junho de 2017



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cacheado, crespo, transexuais, lésbicas, heterossexuais e bissexuais. As idades também eram bastante variadas, entre adolescentes e idosas. Vestiam-se das mais diversas formas: de vestido, sem blusa, outras sem blusa e sem sutiã com o rosto coberto, sem blusa com o mamilo pintado, outras de shortinho com dizeres pintados no corpo, com saia, com calça, só com sutiã e até as mais performáticas como uma senhora que segurava uma placa escrito “vó dia” e a viúva, vestida toda de preto, com um véu no rosto e tinha na sua placa “Tão nova... porque não casou de novo?”.



Figura 3 – Mulheres confeccionando cartazes na Marcha das Vadias de Recife 2017 Fonte: Arquivo pessoal

Na concentração as mulheres leram a carta protesto especificando os motivos da Marcha. Entre alguns motivos estão: pelo fim do feminicídio; pela igualdade salarial entre

homens e mulheres; pela situação das mulheres encarceradas; pelo fim do governo de Michel Temer<sup>6</sup>; pela descriminalização do aborto; contra a violência obstétrica; contra a violência doméstica; pelas mulheres assassinadas por serem mulheres; pelas mulheres negras; pela equidade de gênero; pelas mulheres transexuais e travestis que enfrentam a falta de emprego e o alto índice de assassinatos; pelo fim da objetificação e sexualização das mulheres.

A manifestação começou seu percurso por volta das quinze horas, saindo da Praça do Derby e cruzou a Avenida Agamenon Magalhães em direção ao centro. A referida avenida se caracteriza como uma das maiores vias da cidade, sendo fechada por alguns minutos, onde as mulheres mostraram suas faixas, cartazes e seus corpos com palavras que reivindicavam o fim da cultura machista. A caminhada continuou em direção à Avenida Conde da Boa Vista, principal avenida do centro da cidade. Dessa forma, as mulheres da Marcha buscaram ocupar espaços urbanos em que cotidianamente perpassam, chamando atenção de quem trafegava no sábado de manhã, trazendo mais visibilidade ao movimento e a causa feminista.

Durante a caminhada, uma das organizadoras possuía um megafone e puxava

<sup>6</sup> Atual presidente do Brasil, que chegou ao cargo após o impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

paródias e frases de efeito, sendo seguida pela Batucada e pelas participantes, entoando gritos como “Feminismo é revolução”, “ai ai ai se balançar o Temer cai”, que protesta contra o atual presidente do Brasil e pediam por “diretas já”. Também foi ressoado “eu vou por nós, pelas outras, por mim”, “as gay, as bi, as trans e as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução”, “se o corpo é da mulher, ela dá pra quem quiser”, “tô de mini saia não te devo nada”, “faço o que quiser não mereço ser estuprada”, “vem pra rua contra o machismo” e “os homens vão pra cozinha rebolando até o chão, criancinha libertária quer saúde e educação, vem mulher com a mão pro alto pra fazer revolução” e “as mina que é chapa quente não aceita submissão”. Essas frases usadas na manifestação questionam o patriarcado, os padrões de hierarquia familiar, os códigos normativos impostos às mulheres e convidam outras pessoas a se juntar a causa.

Entre os dizeres colocados nos cartazes confeccionados pelas participantes da Marcha estavam “porque minha liberdade te ofende?”, “não + feminicídio”, “não é crime passional, é feminicídio” “sou mulher e mereço ser respeitada” e “vadia livre”, que falam sobre a liberdade feminina, autonomia de escolha e apontam o combate ao assassinato de mulheres, como visto na figura 4.



Figura 4 – Cartazes carregados por mulheres na Marcha das Vadias de Recife em 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

A Marcha fechou uma das vias da Avenida Conde da Boa Vista seguindo até a Praça dos Diários, onde algumas manifestantes levantaram cruzeiros pretos em homenagem a todas aquelas que morreram vítimas do machismo, da opressão e do feminicídio.

Para entender a Marcha e o papel que a roupa e o corpo desempenha nela, foram entrevistadas nove mulheres que estavam presentes na manifestação, mantendo o anonimato das mesmas. Elas foram escolhidas a partir da amostragem por conveniência, que para Carmo e Ferreira (2008), utiliza indivíduos disponíveis ou que se voluntariaram no momento a participar da pesquisa.

O roteiro de entrevistas é composto por nove perguntas, sendo as duas primeiras voltadas para traçar o perfil das entrevistadas. As perguntas seguintes objetivam saber da relação dessas mulheres com a roupa; os



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

motivos que as levaram a frequentar a Marcha; o significado do uso de roupa curta na Marcha; e se/de que forma a roupa é um elemento expressivo e/ou de empoderamento.

As respostas das duas primeiras perguntas mostraram que as entrevistadas tinham entre vinte e trinta e dois anos e as profissões eram as mais variadas, entre elas artesã, designer, historiadora, estudante de enfermagem, pedagoga e assistente social.

Ao serem questionadas sobre os seus motivos para frequentarem a Marcha, a maioria das entrevistadas afirmou que participam por se reconhecerem como feministas e por este se constituir como um espaço para debater e discutir sobre empoderamento, servindo até como uma ponte de introdução delas no movimento feminista e de expandir as pautas discutidas para outras mulheres que não conhecem a luta.

Na construção da sociedade ocidental, segundo Crane (2006), a mulher foi posta como subalterna. A afirmação da sua inferioridade intelectual, física e moral era amplamente difundida e atestada por intelectuais conceituados, sendo tarefa delas se dedicar ao casamento e à família, se constituindo como figura doméstica. Sendo assim, as mulheres buscam frequentar Marcha com o intuito de lutar contra esse pensamento

que estruturou toda uma cultura, edificando bases para a liberdade feminina.

Importante apontamento presente na fala das entrevistadas é de como elas se sentem reprimidas cotidianamente e por isso, estar na Marcha sem blusa, significa um grito de liberdade. As participantes afirmam que tirar a roupa nesse espaço é se apropriar do seu corpo e o fato deste estar exposto afirma apenas seu poder sobre ele, podendo ser usado da maneira que preferir. O corpo não é visto com fetiche ou erotismo, sendo assim, a Marcha é o momento em que elas podem ser tão livres que podem ir sem roupa, se assim desejarem.

Segundo Del Priore (2013, P. 28), a mulher do século XVIII no Brasil tinha que seguir inúmeras regras sociais, onde tudo era controlado, desde a roupa até as companhias, tendo elas a função de “servir e obedecer como fazem as boas, virtuosas e bem procedidas mulheres”. A pressão social que recaía sobre as mulheres daquela época ainda apresenta resquícios atualmente. Dessa forma, as entrevistadas afirmam que a Marcha se constitui como um espaço seguro em que elas podem exercer sua liberdade, se identificarem e serem acolhidas por outras mulheres.

O Sistema Único de Saúde (SUS), no ano de 2011, atendeu mais de 70 mil mulheres



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vítimas de violência', se constituindo como uma das reivindicações da Marcha das Vadias modificar esse cenário. Uma das entrevistadas aponta que no ano anterior não compareceu à Marcha porque o homem o qual morava com ela a proibiu, reforçando a sua necessidade de estar nesse espaço: "É o segundo ano que eu venho...tipo, ano passado eu não vim porque o menino que eu morava com ele, ele não deixou eu vir... e ele me batia todo dia, era uma coisa muito... Ai isso significa muito pra mim vir aqui... tá aqui de novo" (Entrevistada A, 21 anos, estudante de Letras).

A Marcha das Vadias é conhecida por ser uma manifestação em que as mulheres, em sua grande maioria, vão com pouca roupa e mostram seu corpo. Para Gomes e Sorj (2014) isso se dá, porque, historicamente, a Marcha teve início a partir da reação das pessoas de culpabilizar a mulher pela violência que ela sofria, em especial pela roupa que estas estavam usando. Uma das entrevistadas aponta que a vestimenta não tem influência no assédio que as mulheres sofrem:

Eu percebo [o assédio], todos os dias que a gente sai... na verdade a roupa, ela influencia mas também não influencia, porque não adianta... não importa a roupa que você tá... de saia ou de burca você vai ser assediada na rua então eu

<sup>7</sup> Informações retiradas do site <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/#dados-nacionais> no dia 16 de junho de 2017

avalio isso quando eu to caminhando em qualquer espaço qualquer rua, no centro da cidade, principalmente no centro da cidade, que é onde você escuta mais coisas absurdas e você percebe mais olhares violentos (Entrevistada E, 20 anos, artesã).

Para Del Priore (2013), a igreja católica era uma das instituições que estimulava a dominação do homem em relação à mulher. Na hierarquia construída socialmente em que ele se constitui como figura detentora de poder, inclusive sobre o corpo feminino, os assédios são comuns no cotidiano delas<sup>8</sup>. Dessa forma, como explicita a entrevistada E, a roupa não se constitui como fator determinante para a violência sofrida por elas.

Foi perguntado às manifestantes se existe uma roupa específica para ir a Marcha. As respostas foram unânimes em dizer que não, e que, na verdade, é procurado proporcionar um ambiente confortável para que as mulheres se vistam como quiserem, como aponta uma voluntária "não tem roupa específica, a gente tenta ao máximo que o ambiente da Marcha seja um ambiente que as mulheres se sintam confortáveis para virem como quiserem, se quiser vir de burca, se quiser vir de blusa e shortinho, se quiser tirar a blusa, elas tão a vontade" (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

<sup>8</sup> Informações retiradas do site <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/assedio-por-que-as-explicacoes-faceis-nao-satisfazem-8421.html> no dia 17 de junho de 2017



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Quando questionadas sobre o

significado de estarem sem roupa, elas argumentam que estar ou não com determinada roupa no ambiente da Marcha (ou fora dela), não significa um convite para alguém tocá-la, independente do que ela está vestindo, pois “o corpo é meu então você não pode tocar” (Entrevistada D, 32 anos, pedagoga).

O ato de tirar a roupa e dizer que ninguém pode tocar o seu corpo, mesmo que ele esteja “à mostra”, é uma forma da mulher usa-lo como elemento de expressão e de empoderamento, questionando as opressões de gênero e o patriarcado (Sardenberg, 2006, p.7). Outra entrevistada, que estava vestida de short e sutiã, também aponta essa realidade:

O fato de estar sem roupa ou com roupa nesse espaço, ele não quer dizer nada. Porque aqui como em qualquer outro lugar a gente tem que usar o que se sente à vontade e bem... esse espaço aqui que as mulheres que optam por mostrar mais o corpo é também um grito de libertação de mostrar de que no dia a dia a gente já é tão reprimida, e esse espaço aqui ainda é um espaço seguro pra gente colocar a pauta do corpo e das vestimentas em discussão... Porque o que a gente vê é que as pautas feministas vão além da discussão sobre a roupa, só que a discussão da roupa é uma discussão sobre o corpo, sobre o que se fazer com o seu corpo, sobre o que se tem direito de fazer com ele e qual é a intervenção que a sociedade deve ter nisso... que no caso não deve ser nenhuma (Entrevistada B, 27 anos, historiadora).

Como exposto acima, a manifestante afirma que a discussão sobre o corpo é uma

discussão sobre a roupa. Svendsen (2010) fundamenta que isso se dá porque a roupa é uma continuação do corpo, sendo também o objeto mais próximo a ele. Crane (2006) também aponta que a roupa pode ser utilizada para subverter fronteiras simbólicas. Nesse contexto, a roupa é capaz de expressar essa subversão, pois, a pouca roupa ou falta de roupa vai contra a expectativa da sociedade em relação ao comportamento da mulher no espaço público.

Segundo as entrevistadas, tirar a blusa e mostrar o corpo é um protesto radical, porém é uma forma necessária de enfrentar o machismo e o sexismo na rua. Para a entrevistada C, a mulher é tolhida de vestir a roupa que quiser nos espaços públicos, pois um short ou um batom vermelho já são pretextos para o assédio na rua. Ter o espaço da Marcha para vestir o que quiser, e até mostrar seu corpo, é uma forma de “dar um basta na sociedade sexista e dizer que a gente faz do corpo o que realmente quer” (Entrevistada C, 21 anos, estudante de enfermagem).

Svendsen (2010, p. 88) afirma que procura-se transmitir identidades através do corpo. As roupas são capazes de dar uma expressão diferente a este, de forma que estar nu não significa estar despido de significado, pois “a nudez só diz alguma coisa quando em diálogo com roupas”. Dessa forma, o protesto



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

a partir da falta de roupa não expressaria seu real significado se a sociedade fosse construída através de bases em que a roupa não se configurasse como elemento essencial.

### Considerações finais

A vestimenta é um elemento capaz de funcionar como objeto de expressão identitária dos sujeitos. Esta pode ser mudada a partir do contexto em que estes estão inseridos, o que desejam comunicar, bem como para manter ou subverter fronteiras simbólicas.

Emergindo no ano de 2011, no Canadá, a Marcha das Vadias se configura como um movimento em que as mulheres marcham utilizando roupas socialmente consideradas provocantes, ou vistas como inadequadas ao espaço público. Elas vão à rua contra a ideia secularmente alimentada de que as mulheres são responsáveis pelo assédio que sofrem, sendo a vestimenta um fator determinante para a violência, culpabilizando as vítimas pelas agressões.

Ao usar roupas curtas ou até tirarem a roupa, essas mulheres se apropriam também de seus corpos e o utilizam como elemento de luta. O corpo por tantos anos coberto e velado, visto unicamente para ocupar o local do privado é agora exposto como um corpo político, outdoor de reivindicações,

questionando padrões machistas e opressões de gênero.

As mulheres então se afirmam como vadias, se isso significa que elas podem ser livres. A palavra antes usada pejorativamente para categorizar as mulheres é agora usada como forma de empoderamento, contestando o patriarcado e lutando por autonomia sobre os corpos femininos.

Este trabalho tratou da observação da Marcha das Vadias que aconteceu em Recife no ano de 2017, onde foi possível concluir que as mulheres se utilizam de diversas ferramentas políticas, dentre elas a roupa e o corpo. A falta de roupa no contexto da Marcha só possui uma expressão significativa porque a vestimenta possui um lugar significativo na sociedade, fazendo com que a ausência de roupa e exposição do corpo se constitua como um elemento de luta para as frequentadoras.

Estar na rua com - ou sem roupa - é uma forma das mulheres frequentadoras da Marcha questionarem as construções sociais binárias e heteronormativas fundamentadas no patriarcado, sendo o corpo e a vestimenta elementos de expressão identitária e luta nesse contexto.

### Referências

BAGGIO, A. T. **Saia ou calça?** Construção publicitária de papéis sociais femininos por



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

meio da roupa. In: **COLOQUIO DE MODA**, 10, 2014, Caxias do Sul. **Anais Colóquio de Moda**, Caxias do Sul, UCS, 2014. p.1 a 10

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade**: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Revista Mal-Estar Subjetivo, Fortaleza, Ano 7, n. 2, Setembro/2007

BOUCHER, François. **A História do Vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

CARMO, Hermano Duarte de Almeida e; FERREIRA Manuela Malheiro. **Metodologia da Investigação**: Guia para Auto-Aprendizagem. 2 ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2008

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013

EMBACHER, Airton. **Moda e Identidade: A construção de um estilo próprio**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

FERREIRA, Carla Moura; ARAGÃO, Camila Maria Albuquerque. **A expressão social da roupa como estímulo a violência contra a mulher**. Revista Moda documenta: Museu, Memória e Design, Ano 2, n.1, maio/2015

GALETTI, Camila Carolina H.. **Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo**. Recife: 18° Redor, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>>. Acesso em: 20 mai. 2017

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil**: A Marcha das vadias: continuidades e

mudanças no feminismo. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922014000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922014000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 jun. 2016.

LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

SARDENBERG, Cecília M. B.. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES – PROJETO TEMPO, 1., 2006, Salvador.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas – A moda do século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987

STEFANI, Patrícia da Silva. **Moda e comunicação**: A indumentária como forma de expressão. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2 sem. 2005.

SVENDSEN, Lars. **Moda uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na Reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo, Estação das Letras e das Cores, 2009.